



ETNOGRAFIA NA PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS NO BRASIL: ANÁLISE DE DOIS REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS IMPORTANTES NO CAMPO

ETHNOGRAPHY IN RESEARCHS OF SCIENCE EDUCATION IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF TWO THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFERENCES IMPORTANTS IN THE FIELD

Artur Queiroz Guimarães¹; Marcos Cabral de Melo²; Elaine Soares França³; Danusa Munford⁴

¹Faculdade de Educação UFMG – Bolsista do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – arturqueiroz@hotmail.com

²Faculdade de Educação UFMG – Programa de Pós-Graduação/ Prefeitura de Betim – melociencias@gmail.com

³Faculdade de Educação UFMG – Programa de Pós-Graduação/ Prefeitura de Belo Horizonte – lainesf@yahoo.com

⁴Faculdade de Educação UFMG – Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – danusa@ufmg.br

Resumo

Este trabalho investigou a etnografia no campo educação em ciências, situando essa discussão no campo mais amplo da pesquisa em Educação. Nesse sentido, fizemos um levantamento de artigos publicados em periódicos da área e anais de eventos (ENPEC), o qual é apresentado por meio de uma breve caracterização descritiva. Em seguida, apresentamos uma análise de obras de Marli André e Judith Green, identificadas como importantes referenciais teóricos para etnografia no campo. Essas obras foram analisadas a partir de uma análise multidimensional e situada do texto escrito, procurando entender *como* esses referenciais se significam no contexto específico da educação em ciências. Essa análise, além de evidenciar especificidades entre os dois referenciais, nos permitiu apontar contextos para a maneira como a etnografia tem sido empregada nesse campo, tais como o debate “qualitativo versus quantitativo” e inserção de discussões da comunidade internacional na pesquisa nacional.

Palavras-chave: etnografia em educação, metodologia de pesquisa, pesquisa em ensino de ciências.

Abstract

This study investigated the ethnography in science education, and this discussion was situated in a broader field of research in education. In this sense, we did a survey of articles that have published in journals in the area and proceedings of events (ENPEC), which is shown by a brief descriptive characterization. Then, we present an analysis of works of Marli André and Judith Green, identified as important references for ethnography in the field. These works have been analyzed from a multidimensional and situated analysis of the written text, trying to understand how these references were meant in the specific context of education science. This analysis, besides particular features of the two references, contexts allowed us to point to the way ethnography has been used in the field, such as the debate "qualitative versus quantitative" and inclusion of discussions of the international community in the national survey.

Keywords: ethnography in education, research methodology, research in science education.

INTRODUÇÃO

Vários autores têm caracterizado a área de pesquisa em ensino de ciências como um campo de pesquisa consolidado no Brasil (Delizoicov, 2007; Moreira, 2007; Nardi, 2007a; Santos & Greca, 2006; Scarpa e Marandino, 1999). Diante desse reconhecimento, torna-se essencial discutir e refletir sobre as abordagens metodológicas que orientam as pesquisas no campo. Por um lado, é possível caracterizar o campo por sua “diversidade de perspectivas em termos de objetos de pesquisa, referenciais teóricos, referenciais metodológicos e outros aspectos relevantes” (Nardi, 2007b, p.391). Por outro lado, como argumentam Santos & Greca (2006), seria importante delinear uma identidade da pesquisa em ensino

de ciências, inclusive do ponto de vista metodológico e epistemológico. Essa identidade – ou identidades – é constituída no contexto de uma tensão entre os campos das ciências naturais e o campo da educação (Nardi, 2007b). Nesse trabalho, contudo, nosso olhar procura situar a área de ensino de ciências em suas relações com o campo da educação. Nesse sentido, “dar contorno” a essa identidade ou mesmo problematizá-la envolve dialogar com os percursos e características desse último campo.

No Brasil, inclusive, o próprio campo da educação, pode ser considerado relativamente “jovem”, uma vez que mesmo na década de 1970, as pesquisas na área eram escassas (Gatti, 2002). Desde então, a educação depara-se com sérias críticas que apontam uma falta de rigor metodológico (Alves-Mazotti, 2001; Gatti, 2002). Além disso, pode-se afirmar que, muitas vezes, as discussões metodológicas no campo estiveram centradas, ou melhor, estiveram polarizadas, em torno da questão quantitativo versus qualitativo (Ludke e André, 1986). De certa forma, é no contexto dessas discussões polarizadas que, a partir da década de 1980, a abordagem da etnografia, ganha popularidade na pesquisa em educação no Brasil (André, 1997). Para Fonseca (1998), essa “popularidade” poderia ser explicada pelo fato da etnografia ser vista como um “protótipo do qualitativo”, sendo uma metodologia contrária aos “males da quantificação”.

Ao longo das últimas décadas, têm ocorrido, no cenário nacional e internacional, discussões relativas à adoção da abordagem etnográfica em pesquisas no campo educacional. Diversos autores têm apontado problemas referentes à maneira como a etnografia tem sido implementada nesses estudos e sobre o alcance dessa abordagem na produção de conhecimentos e evidências que contribuam para o enfrentamento de problemas educacionais (e.g., Agar, 2006, Fonseca, 1999, Green *et al.*, 2005; Green & Bloome, 1998, Heath, 1982). Esses autores apontam a necessidade de melhor se esclarecer qual é a natureza da pesquisa etnográfica, uma vez que, freqüentemente, é confundida com outros tipos de estudos qualitativos. A questão torna-se ainda mais complexa na medida em que a etnografia deixa o campo da antropologia e passa a ser adotada por pesquisadores de diversas áreas, inclusive a área da educação.

Considerando a polêmica já instaurada acerca do que deve ou não deve ser considerado etnográfico (Fonseca, 1999; Green & Bloome, 1998) aliada à necessidade de compreendermos de que forma as especificidades do campo educacional imprimem características particulares à abordagem etnográfica, torna-se, então, fundamental caracterizar como a etnografia é representada (Fonseca, 1999) na pesquisa em educação e o alcance da contribuição desses estudos para a compreensão dos fenômenos investigados a partir dessa abordagem teórico-metodológica.

Nesse trabalho, voltamo-nos para a etnografia no campo da educação em ciências, procurando caracterizar os principais referenciais da etnografia utilizados por pesquisadores da área. A partir de um levantamento de artigos publicados em periódicos da área e anais de eventos (ENPEC), identificamos trabalhos que afirmam utilizar a etnografia e fizemos uma breve caracterização descritiva dessa produção. Em seguida, identificamos os principais referenciais teóricos e caracterizamos essas obras, procurando entender *como* elas significam nesse contexto específico.

ETNOGRAFIA NA PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

A busca de artigos publicados em periódicos foi realizada em três periódicos nacionais do campo de pesquisa em Educação em Ciências: Revista da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), Investigações em Ensino de Ciências e Ciência & Educação. Esse levantamento tentou abranger artigos publicados no período de 1996 a 2006, incluindo, porém, apenas aqueles anos cujos artigos estavam disponibilizados gratuitamente na internet. As buscas nos periódicos foram realizadas por meio de um levantamento dos trabalhos que possuíam o marcador “etno” no título, resumo ou no texto completo do artigo. A presença do marcador “etno” foi identificada a partir do uso das ferramentas de localização de palavras existentes no programa utilizado para leitura dos artigos em formato digital.

Os artigos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) são os mesmos que compuseram o *corpus* de análise de Dell’Areti *et al.*, (2007). Nesse trabalho, as autoras fizeram um levantamento dos trabalhos publicados nas cinco primeiras edições do ENPEC, a partir de buscas com o marcador “etno” nos resumos de todos os trabalhos apresentados em cada evento. As autoras, em seguida, selecionaram para o *corpus* de análise apenas as apresentações orais e aquelas que representavam relatos de pesquisa empírica.

Para a análise dos trabalhos selecionados foram realizadas leituras analíticas e elaborados resumos estruturados com os seguintes itens: tema; contexto de realização da pesquisa; orientação metodológica; referências associadas à etnografia. Além disso, os trabalhos foram caracterizados quanto à área de atuação.

Caracterização geral dos trabalhos selecionados

Nossos levantamentos identificaram 25 trabalhos que afirmam adotar a etnografia, uma abordagem etnográfica ou ferramentas etnográficas em sua metodologia de pesquisa. Essa pequena representatividade confirma pesquisas anteriores que indicam que a perspectiva da etnografia tem norteado poucos trabalhos na área, apesar da ênfase que ela tem recebido nas discussões metodológicas no campo da educação e no campo da educação em ciências (André, 2002; Scarpa e Marandino, 1999).

Com relação às temáticas mais abordadas nos trabalhos analisados predominaram estudos que tratam de “Pesquisa sobre o ensino” (10 trabalhos), seguidos por trabalhos voltados para “Aprendizagem - Processos e Desenvolvimento” (9 trabalhos) e “Aprendizagem – Aspectos Contextuais” (7 trabalhos). Cinco trabalhos abordaram a temática “Educação do professor” e três “Estudos e reflexões sobre o campo de pesquisa” (Tabela 1). Recorremos ao sistema de categorização das pesquisas da área de educação em ciências baseado no trabalho de Borges, *et al.* (2000), sendo que um mesmo trabalho poderia ser incluído em mais de um tema.

Tabela 1: Número de trabalhos relacionados a cada uma das Temáticas (segundo Borges *et al.*, 2000).

Temáticas	Número de trabalhos		
	ENPEC	Periódicos	Total
Pesquisa sobre ensino	6	4	10
Aprendizagem – processos e desenvolvimento	4	5	9
Aprendizagem – Aspectos Contextuais	4	3	7
Pesquisa sobre tecnologia educacional	2	0	2
Estudos e reflexões sobre o campo de pesquisa	3	0	3
Pesquisa sobre educação em ciências e sistemas educacionais	1	0	1
Aprendizagem em espaços não escolares	1	0	1
Educação do professor	3	2	5

A maioria dos autores desses artigos trabalha em faculdades ou institutos de educação e quase todos investigam o contexto escolar, sendo que apenas uma das 25 pesquisas analisadas foi realizada em instituições não escolares.

Com relação ao uso da etnografia, entre os 25 trabalhos selecionados, oito não citam nenhum referencial teórico associado à pesquisa etnográfica. Dentre estes trabalhos, em cinco os autores tampouco explicitam seu entendimento acerca da metodologia utilizada. Assim, evidencia-se que vários trabalhos apresentam um relato limitado da metodologia, como outros autores já haviam apontado (Greca, 2002; Scarpa & Marandino, 1999).

As principais referências utilizadas nos 17 trabalhos que explicitam referenciais metodológicos foram Marli André (citada em seis trabalhos), Judith Green e Maria Lúcia Castanheira (cada uma citada em 5 trabalhos), Carol Dixon (três trabalhos), e David Bloome (dois trabalhos). Entre esses autores Green e Dixon pertencem à Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, Castanheira, professora da

UFMG, teve parte da sua formação também nessa universidade, e David Bloome tem trabalhos em colaboração com este grupo. Assim identificamos dois referenciais principais que seriam adotados nos trabalhos na área de ensino de ciências: Marli André e Grupo de Santa Bárbara. Dada a importância desses referenciais neste campo, procuramos neste artigo caracterizar as principais discussões desses autores em relação ao uso da etnografia, lembrando que esses são autores do campo da Educação.

CARACTERIZANDO REFERENCIAIS MAIS UTILIZADOS NA ÁREA DE ENSINO DE CIÊNCIAS

Não é raro pesquisadores aproximarem-se do texto escrito de forma diferente daquelas que são comuns na análise de textos orais. Aspectos da análise do discurso, tais como considerar a dimensão social e institucional dos textos, muitas vezes não são incorporados na análise dos textos escritos (Bazerman e Prior, 2004). Assim, segundo esses autores, muitas vezes, ficamos restritos a uma tendência em identificar *o que* os textos significam ao invés de olharmos para *como* os textos significam. Uma imagem, apresentada pelos mesmos autores em outro trabalho (Bazerman & Prior, 2005) ilustra bem o que essa nova abordagem implicaria: “O texto unidimensional, quando interagindo com a imaginação e a compreensão do leitor ou do escritor, tem de servir como um tipo de placa holográfica: ele tem de ser ativamente iluminado para projetar uma imagem tridimensional de um mundo social – um com autores, leitores, motivos sociais e objetos de referência. As palavras, símbolos e espaços mortos devem, de alguma forma, tornar-se vivas para animar relações, situações comunicativas e mensagens significativas” (p. 137).

Nesse trabalho procuramos capturar esse aspecto multidimensional e situado do texto escrito, considerando as especificidades da comunidade de pesquisadores em que se insere. Para desenvolver essa análise de textos escritos, recorreremos a trabalhos de análise de textos escritos científicos (Bazerman, 1988) bem como a procedimentos da *grounded theory* (Glaser & Strauss, 1967).

A análise das obras desses autores envolveu a elaboração de resumos estruturados contemplando os seguintes aspectos: 1) como a etnografia é definida e caracterizada; 2) qual o papel atribuído à cultura; 3) como as obras auxiliam outros pesquisadores ao uso da etnografia. Adicionalmente, procuramos caracterizar a trajetória profissional de Judith Green (uma das fundadoras e mais experientes pesquisadoras do Grupo de Santa Bárbara) e Marli André, além de identificar os grupos de pesquisa a que estão vinculadas. Em seguida, procuramos fazer inferências sobre a inserção desses autores no contexto do campo da pesquisa em Educação em Ciências e as relações que podem se estabelecer com seus textos. Ao descrevermos cada um dos referenciais procuramos, portanto contemplar esses diversos aspectos.

Referencial: Judith Green e o Grupo de Santa Bárbara

A Dra. Green é uma pesquisadora norte-americana cujas atividades de ensino e pesquisa têm como foco as relações ensino-aprendizagem, na pesquisa etnográfica e na análise do discurso no cotidiano da sala de aula. A pesquisadora tem ampla experiência no ensino universitário, tendo realizado seu mestrado em Psicologia Educacional, na Universidade do Estado da Califórnia (1970), e seu doutorado em Desenvolvimento da Leitura e Escrita, na Universidade da Califórnia (1977). Seus trabalhos se dirigem a professores em formação e em exercício e a pesquisadores da área de Educação. É também uma das fundadoras do *Santa Barbara Classroom Discourse Group*, um grupo de professores e pesquisadores de diferentes disciplinas na Educação que exploram questões baseadas em teorias da construção social do conhecimento.

Em nosso trabalho foram analisados dois artigos (Castanheira, Crawford, Green e Dixon, 2001; Green, Dixon e Zaharlick, 2005) e um capítulo de livro (Green e Bloome, 1997) em que a pesquisadora em questão foi co-autora. Esses trabalhos foram selecionados por terem sido apresentados como referência para o uso e definição da etnografia em artigos no campo da Educação e Ciências, bem como por abordarem aspectos relevantes na obra da autora.

O trabalho de Green e Bloome (1997), um artigo em língua inglesa, explora a existência de diferentes espaços intelectuais e como a etnografia está sendo empregada de maneiras particulares nestes espaços. Essa abordagem insere-se em um contexto de discussões sobre o uso da etnografia e a pesquisa etnográfica nas Ciências Sociais e na Educação, propondo uma perspectiva situada para o entendimento e uso da etnografia. Green *et al.* (2005) é uma tradução ao português de um capítulo de livro, publicado originalmente em inglês (Green *et al.*, 2001). Esse artigo representaria o único em língua portuguesa e discute a etnografia como uma lógica de investigação e propõe critérios mais adequados para o seu uso. Já o artigo de Castanheira *et al.*, (2001), também em inglês, tem como objetivo ilustrar as contribuições da abordagem de pesquisa intitulada etnografia interacional para investigar o cotidiano da sala de aula.

Discussões sobre cultura e etnografia

A cultura é abordada com profundidade em todas as obras da autora, como um elemento central e orientador para o etnógrafo, sendo que seria a busca pelo entendimento da cultura que fundamenta e justifica o uso da etnografia e não o contrário. Dessa maneira, Green e colaboradores se utilizam de autores da antropologia americana (*e.g.* Spradley e McCurdy, 1972; Geertz, 1973; 1983; Frake, 1977; Spradley, 1979, 1980; apud Green *et al.*, 2005) e autores da educação que empregam abordagens antropológicas (Heath, 1982; Zaharlick e Green, 1991; apud Green *et al.*, 2005) para discutir conceitos de cultura e sua importância para a abordagem teórico-metodológica da etnografia e outras abordagens no campo da educação. Para isso, Green *et al.*, (2005) traçam algumas características importantes referentes à cultura: caráter coletivo; dinâmico e em constante construção; evidenciado por padrões; e que contextualiza o ensino-aprendizagem como algo socialmente construído.

Em seus textos, a autora caracteriza a cultura como um conjunto de princípios de prática que são definidos e elaborados pelos membros de um dado grupo. Essas práticas se definem a partir das interações entre seus membros e refletem, mais especificamente, nos papéis, normas e direitos dos sujeitos, e mais amplamente, no sentimento de pertencimento dos indivíduos aquele grupo. Esse caráter coletivo e interativo da cultura está também diretamente relacionado ao seu aspecto dinâmico e em constante definição, pois esses conhecimentos culturais são abertos ao desenvolvimento e revisão por seus membros à medida que eles se interagem através do tempo e dos eventos.

O conjunto de princípios que define a cultura está organizado de maneira que os indivíduos conseguem enxergar e aprender padrões, mesmo que estes estejam, muitas vezes, implícitos. Por isso, o trabalho do etnógrafo seria de tentar enxergar e descrever esses padrões (Heath, 1982; Zaharlick e Green, 1991; apud Castanheira *et al.*, 2001). Nessa tarefa o pesquisador deve interagir com o grupo investigado, sendo a cultura construída e registrada por meio de decisões teóricas e metodológicas do etnógrafo durante a sua participação e interação com o grupo investigado (Green *et al.*, 2005).

Estabelecido o interesse pela cultura ou construção de conhecimentos culturais de um grupo, a etnografia se mostra como uma metodologia com grande potencial em várias disciplinas das ciências humanas (Green e Bloome, 1997). Mas, primeiramente, esses autores chamam a atenção para a distinção entre os termos: fazer etnografia, que envolveria estudo profundo de um grupo cultural ou social; adotar uma perspectiva etnográfica, em que é possível realizar uma abordagem e um estudo de aspectos particulares do cotidiano e das práticas culturais; usar ferramentas etnográficas, que se refere ao uso de métodos e técnicas usualmente associados ao trabalho de campo.

Esses autores pontuam que a etnografia, embora tenha uma origem bem definida na antropologia, é uma abordagem que foi apropriada pelas Ciências Sociais e Educação, cujas tradições teórico-metodológicas, bem como perguntas e propósitos podem ser bastante particulares. Nesse sentido, Green e colaboradores apresentam uma visão multifacetada da etnografia (Ellen, 1984; Heath, 1982 apud Green *et al.*, 2005) e propõem que ela possui uma natureza situada em locais intelectuais

(Spindler e Spindler, 1983 apud Green *et al.*, 2005), ou ecologias intelectuais (Green *et al.*, 2005), oriundos das diferentes tradições disciplinares.

Nesse contexto, Green e Bloome (1997) e Green *et al.*, (2005) argumentam que o campo da Educação possui uma comunidade suficientemente ampla de etnógrafos, que respalda a constituição da etnografia como uma disciplina dentro da Educação. Assim, se faz necessário fazer uma distinção entre a etnografia feita por pesquisadores da educação (“etnografia na educação”) daquela feita por antropólogos (“etnografia na educação”) (Green *et al.*, 2005; pág. 26).

Dada a natureza situada da etnografia, Castanheira *et al.*, (2001), por exemplo, explicitam que a etnografia interacional não se constitui uma etnografia no sentido estrito da antropologia, mas em uma perspectiva etnográfica, demonstrando a preocupação dos autores em situar o emprego desse termo (Castanheira *et al.*, 2001). Os demais trabalhos da autora e colaboradores apresentam uma postura consciente sobre as críticas existentes ao uso da etnografia nas diferentes disciplinas das ciências humanas, mas também fornecem subsídios para uma melhor delimitação da etnografia no campo da educação, abordando suas contribuições para o campo, instrumentos metodológicos e discussões teórico-conceituais sobre as intercessões entre etnografia e análises sociolingüísticas.

Em relação às críticas ao uso da etnografia na educação, a autora distingue aquelas oriundas do campo da antropologia, que denunciam o desrespeito aos princípios antropológicos presente em muitas pesquisas etnográficas em educação, daquelas propostas por pesquisadores do campo da educação, que problematizam as pesquisas etnográficas realizadas entre educadores. Seus trabalhos se centram nas discussões no campo da educação, apoiando-se em autores que também são deste campo (Heath, 1982; Erickson, 1986; Athanases e Heath, 1995; apud Green *et al.*, 2005) que discutem a falta de clareza dos pesquisadores em relação aos princípios da etnografia. Além disso, parece ser comum a confusão entre etnografia e outros tipos de pesquisa qualitativa, cujos pontos de vista teóricos e metodológicos não necessariamente relacionados à etnografia (*e.g.*, sistemas de categorias, descritivos e narrativos).

Nesse sentido, Green *et al.*, (2005) enfatizam alguns princípios fundamentais que constituem a etnografia como uma lógica de investigação: estudo da cultura, lógica contrastiva e perspectiva holística. O primeiro princípio, o estudo da cultura, diz respeito à importância do trabalho etnógrafo se orientar por teorias da cultura de um grupo e adotar uma perspectiva êmica, ou seja, do ponto de vista de um membro pertencente ao grupo estudado. O segundo princípio, a perspectiva contrastiva, refere-se à triangulação entre os dados, e entre métodos e teoria, que permitiriam dar visibilidade aos princípios de práticas comumente invisíveis. Já o terceiro princípio, a perspectiva holística, informa que a análise deve compreender como as partes se relacionam com o todo e com a sua história.

A análise das obras de Green indica que, na sua perspectiva, o tempo necessário à realização de uma pesquisa etnográfica em educação depende do objeto e das perguntas investigadas, variando de um tempo longo, necessário a uma observação prolongada e repetitiva, ao período referente a apenas algumas aulas, em análises envolvendo instrumentos metodológicos diversos para análises mais refinadas. A autora parece direcionar a preocupação dos pesquisadores mais para a qualidade do tempo nessas pesquisas, chamando a atenção para: a) o tempo necessário para o pesquisador ser capaz de compreender significados culturais do grupo estudado, pois é a participação na comunidade em evolução que permite entender o que realmente conta como um termo, uma prática ou uma atividade (Green *et al.*, 2005); b) os significados culturais de um grupo possíveis de ser compreendidos em um determinado tempo a partir de diversos instrumentos de análise. Em relação a este último aspecto, em Castanheira *et al.*, (2001) apresenta-se um grande volume resultados obtidos através do emprego de metodologias etnográficas e lingüísticas em conjunto (etnografia interacional), em um período curto.

A observação de um determinado grupo social na etnografia apresenta particularidades e está associada a diversas metodologias de registro. Castanheira *et al.*, (2001) frisam aspectos importantes da observação etnográfica, demonstrando que, para responder a questões iniciais, a pesquisa etnográfica pode empregar uma série de representações e análises, cada uma das quais guiada por questões subsequentes geradas pelas novas observações e interações com os dados. Esse processo iterativo-

recursivo constitui o chamado ciclo de pesquisa etnográfico (Spradley, 1980, apud Castanheira *et al.*, 2001). Entre os métodos de registro estão as notas de campo, coleta e análise de artefatos produzidos pelo grupo, entrevistas de participantes acerca de suas interpretações sobre o que está ocorrendo, gravações de áudio e vídeo das ações observadas. Esses dados podem ser analisados por meio da transcrição das falas, tabulação dos dados e análise de domínios, além de mapas de eventos.

Todos os métodos citados são trabalhados de maneira minuciosa pela autora em seus trabalhos, demonstrando sua preocupação em estabelecer metodologias e estratégias para obter e analisar os dados, além de demonstrar o potencial dos mesmos. Aliás, dentre o méritos da perspectiva antropológica, a autora pontua sua relevância para educadores, na medida em que possibilita compreender como o desempenho de alunos em uma sala de aula está relacionado ao conhecimento cultural adquirido em outros grupos sociais, como outras salas de aula e grupos comunitários.

Referencial: Marli Eliza Dalmazo Afonso de André

Marli André graduou-se em Letras (1966) e em Pedagogia (1973). Realizou seu mestrado em Educação pela PUC-RJ (1976), doutorado em Psicologia da Educação na University of Illinois (1978) e Pós-doutorado em Métodos Qualitativos de Pesquisa. É professora titular aposentada na Faculdade de Educação da USP e atualmente é professora do “Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação”, da PUC-SP. Suas principais linhas de pesquisas e áreas de atuação referem-se à formação de professores e avaliação escolar.

A partir da sua primeira publicação sobre etnografia em 1978, André escreveu vários capítulos de livros abordando a etnografia como abordagem alternativa em avaliações escolares, ou defendendo o seu uso no estudo do cotidiano escolar. Em seu currículo *lattes* (acesso em 29 de abril de 2009) não há descrição de envolvimento a nenhum grupo relacionado à etnografia.

No escopo do nosso trabalho foram analisados dois livros (André, 1995; Ludke e André, 1986), um capítulo de livro (André, 1989) e dois artigos publicados em periódico nacional (André, 2007; André, 1978). Os livros e o capítulo de livro foram escolhidos por terem sido citados nos trabalhos dos periódicos e dos ENPECs do *corpus* de nosso estudo. O primeiro foi utilizado em quatro trabalhos, o segundo e o terceiro em um trabalho cada. As demais obras foram analisadas a fim de complementar nosso entendimento das visões da autora com relação à etnografia. Uma delas representa o marco inicial do envolvimento da autora com o tema (André, 1978), a outra constitui uma de suas últimas produções sobre etnografia (André, 2007).

Os objetivos dessas produções, bem como o público ao qual se dirigem, são bastante variados. Em André (2007), a autora procura discutir questões epistemológicas e metodológicas relacionadas à pesquisa em educação, bem como refletir sobre critérios para avaliar a qualidade das pesquisas na área de educação, incluindo a pesquisa do tipo etnográfico. André (1995) discute a contribuição que os estudos do tipo etnográfico, voltados ao cotidiano escolar, vêm oferecendo para revisar e redimensionar a prática docente. O capítulo (André, 1989) focaliza a etnografia nos estudos do cotidiano escolar e está inserido em um livro cujo objetivo é auxiliar pesquisadores na escolha da metodologia mais adequada. Ludke e André (1986) procuram introduzir estudantes e professores de graduação aos trabalhos de pesquisa qualitativa em educação e oferecer contribuições para aqueles que atuam no ensino de 1º e 2º graus para melhor entenderem o meio em que atuam. André (1978) objetiva contribuir para avaliações de programas sociais e educacionais.

A diversidade desses objetivos pode ser mais bem compreendida considerando-se o contexto em que essas obras foram publicadas. As décadas de 1970 e 1980 foram importantes para a consolidação da abordagem qualitativa dentro das pesquisas educacionais (Ludke e André, 1986). Uma das preocupações de André parecia ser a de tentar situar o leitor com relação a essa abordagem e de ajudá-lo a diferenciar os principais tipos de pesquisa qualitativa. Em 1995 a autora publica a obra intitulada ‘Etnografia da prática escolar’, onde discute com um pouco mais de profundidade a etnografia. Todavia, algumas preocupações existentes nas décadas anteriores parecem se manter, o que se reflete

em discussões pouco aprofundadas acerca da etnografia.

Discussões sobre cultura e etnografia

Entre as obras analisadas, apenas em André (1995) é feita uma discussão sobre o significado de cultura. A autora dialoga com autores da antropologia (Spradley, 1979; e Geertz, 1973, *apud* André, 1995) e da educação (Erickson e Dauster) para explicitar seu entendimento sobre o termo, e destaca aspectos tais como: a cultura enquanto um sistema de significados que as pessoas usam para interpretar experiências e gerar comportamentos; a cultura como um sistema de símbolos construídos que depende do contexto para ser compreendida; a cultura como um termo que possui várias conotações como modo de vida, maneiras de pensar, sentir e agir, teias de significado, práticas e produções sociais, sistemas simbólicos.

Embora não aprofunde muito as discussões sobre o significado do termo, André destaca em suas produções a centralidade do conceito de cultura como uma das características da etnografia, sendo inclusive apontada em André (2007) como um dos critérios que devem ser levados em conta ao se avaliar a qualidade de um estudo do tipo etnográfico. Ao trazer definições da etnografia, André (1995) afirma que “a etnografia é a tentativa de descrição da cultura” (p 19) e “a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade” (p 27). Dessa forma a principal tarefa do etnógrafo consiste em se aproximar gradativamente ao significado e à compreensão dos participantes a respeito de sua realidade e permitir ao leitor interpretar aquilo que ocorre no grupo estudado tão apropriadamente como se fosse um membro desse grupo. Ludke e André (1986), citando Wolcott, chamam a atenção para a importância da etnografia em educação preocupar em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo, ou seja, relacionando aquilo que se passa no âmbito da escola com o que é aprendido dentro e fora dela.

Por outro lado, a autora reconhece que existe uma diferença de enfoque entre os antropólogos e os educadores, o que resulta na realização de diferentes etnografias: “Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo (...) isso faz com que certos requisitos da etnografia não sejam - nem necessitem ser - cumpridos pelos investigadores das questões educacionais” (André, 1995, p 28). A autora conclui então que ocorre uma adaptação da etnografia à educação e que os educadores fazem estudos do tipo etnográfico, e não etnografia em seu sentido estrito. Outra especificidade da etnografia em educação destacada por André é a preocupação com o público-alvo da pesquisa, de forma que os resultados do trabalho possam ser úteis de alguma maneira aos indivíduos ou grupos relacionados a ele. Citando Erickson, André defende uma postura cooperativa e de diálogo aberto, “de modo que o objetivo da pesquisa não se limite a mostrar o que e como algo está ocorrendo, mas também como seria possível mudar a situação, tornando-a melhor” (p 118).

Segundo André (1995), a pesquisa do tipo etnográfico ganhou popularidade na educação a partir da década de 80, mas apresenta problemas subjacentes ao seu uso, como o desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, a dificuldade de lidar teórica e metodologicamente com a complexa questão objetividade *versus* participação, e a falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa. Ludke e André (1986) denunciam ainda que termos como pesquisa qualitativa, etnográfica, naturalística, participante, estudo de caso e estudo de campo, têm sido muitas vezes empregados indevidamente como equivalentes, em decorrência da falta de conhecimentos dos pressupostos da etnografia.

Marli André procura em suas obras caracterizar a etnografia realizada na educação, buscando esclarecer os pesquisadores e contribuir para reduzir equívocos comumente presentes. Chamou-nos atenção seu trabalho realizado em 2007, onde há uma tentativa de se estabelecer critérios para análise de estudos etnográficos. Consideramos que esses critérios revelam o que a autora considera essencial em uma pesquisa etnográfica que focaliza o cotidiano escolar, após quase 30 anos da publicação de seu primeiro trabalho sobre o tema. São os seguintes: o papel da teoria na construção das categorias; respeito aos princípios da etnografia, como a relativização (centrar-se na perspectiva do outro), o estranhamento (esforço deliberado de análise do familiar como se fosse estranho), e a centralidade do

conceito de cultura; trabalho de campo apoiado em observação planejada e em registros bem elaborados; uso da triangulação; articulação entre o particular e o geral.

Nas demais obras incluídas em nosso trabalho, André aponta e discute várias outras características relacionadas à etnografia em educação: uso das técnicas que são tradicionalmente associadas à etnografia, como a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos; o pesquisador como o instrumento principal na coleta e análise de dados; ênfase no processo e não nos resultados finais; descrição e indução; busca de formulação de hipóteses e teorias, e não sua testagem; plano de trabalho aberto e flexível; aproximação parcial e gradativa ao objeto de estudo, onde as categorias de análise são construídas ao longo do estudo; o leitor deve decidir se as interpretações podem ou não ser generalizáveis; controle da subjetividade através do estranhamento e de um processo coletivo de trabalho, se possível interdisciplinar.

Com relação ao tempo de permanência no campo de estudo, André (1995) afirma que ele pode variar muito, indo desde algumas semanas até vários meses ou anos, dependendo de fatores como a disponibilidade de tempo do pesquisador, sua aceitação pelo grupo, sua experiência em trabalho de campo e o número de pessoas envolvidas na coleta de dados.

Além da observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos, reconhecidas pela autora como tradicionalmente associadas à etnografia, outros métodos podem estar associados, como por exemplo levantamentos, histórias de vida, testes psicológicos, vídeos e fotografias, a fim de fornecer um quadro mais vivo e completo da situação estudada (Ludke e André, 1986). A análise dos dados, de acordo com André (1989), ocorre em dois momentos: paralelamente à observação, auxiliando o pesquisador a focalizar aspectos que merecem ser mais bem explorados; ao final do trabalho de campo, que representa uma fase mais concentrada de análise. Algumas das tarefas do pesquisador nesse momento consistem na codificação de registros e outros materiais coletados, criação ou especificação de categorias e estruturação dos conceitos e concepções mais abrangentes.

As discussões realizadas por André sobre os procedimentos adotados na etnografia não são aprofundadas, e os métodos apresentados por ela são comuns a outras abordagens qualitativas de pesquisa. A autora preocupa-se mais em caracterizar a etnografia e diferenciá-la quanto a aspectos gerais em relação a outras abordagens qualitativas, talvez reconhecendo que é isso que irá definir a forma como os pesquisadores irão se apropriar dessas técnicas.

Tendo caracterizado a etnografia em educação, Marli André procura apontar suas principais similaridades e diferenças com outras abordagens qualitativas, como estudo de caso, pesquisa-ação e pesquisa participante. Mas, em André (1995), a autora propõe o estudo de caso etnográfico: um tipo de etnografia, caracterizado pela “aplicação da abordagem etnográfica ao estudo de um caso” (p 30). Essa abordagem permitiria o trabalho de campo em um tempo menor, mas o suficientemente para mostrar ao menos uma das visões, dentre as várias possíveis, sobre um caso específico. Assim, o estudo de caso etnográfico parece ser apresentado por André como uma alternativa a etnografia propriamente dita, cujo trabalho de campo prolongado impõe dificuldades às pesquisas em educação.

Entre os seis trabalhos selecionados que citam Marli André, dois deles afirmam realizar um estudo de caso etnográfico. Os demais dizem fazer pesquisa de natureza etnográfica, modelo etnográfico de pesquisa, pesquisa etnográfica. Apesar da variedade de termos utilizada ao se referir à etnografia, nenhum dos trabalhos afirmou ter feito ‘pesquisa do tipo etnográfico’, termo utilizado pela autora ao caracterizar a etnografia feita pelos educadores e diferenciá-la daquela realizada pelos antropólogos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Marli André e Judith Green reconhecem que existem problemas nas pesquisas etnográficas em educação, uma vez que os pesquisadores desse campo não têm respeitado os princípios da etnografia e tampouco os parâmetros que ajudam a definir a etnografia enquanto uma ecologia intelectual dentro da educação. A análise dos trabalhos dos periódicos e dos ENPECs (mesmo apresentando um relato

limitado da metodologia) mostrou a persistência de parte desses problemas também na área de ensino de ciências. Isso pode decorrer do fato de a maioria dos trabalhos na área utilizar apenas um referencial ao explicitar seu entendimento sobre etnografia. De fato, das 25 pesquisas que constituíram nosso *corpus* de análise, em apenas cinco foram utilizados mais de um referencial. Consideramos que as obras de André e Green apresentam importantes contribuições para os pesquisadores entenderem a etnografia em educação e apontam relevantes critérios a serem considerados nas pesquisas. Contudo, são insuficientes para serem utilizadas como único referencial orientador das ações do pesquisador. André, principalmente, devido ao caráter mais introdutório de suas obras, diz muito sobre o que deve ser feito, mas não aprofunda em discussões sobre como realizar concretamente essas recomendações.

Ao contrastarmos diferentes referenciais acerca da etnografia em educação, corremos o risco de assumirmos uma lógica do déficit, apontando ausências e limitações dos trabalhos dos autores analisados. Nosso objetivo é afastarmo-nos desse tipo de lógica, procurando principalmente entender como pesquisadores no campo da educação dão significado às obras. Além disso, devemos lembrar que o texto escrito envolve interações que podem ser deslocadas no espaço e no tempo, e tanto autor quanto leitor imaginam os contextos envolvidos nessas interações (Bazerman & Prior, 2005, p. 136-137). Em particular, dois aspectos são cruciais nesse processo de interação: 1) quem são essas pesquisadoras/grupos e as possíveis audiências que imaginam ao conceber o texto e 2) quais são visões e questões teórico-metodológicas que circulam o contexto dessa audiência “real”, ou seja, a comunidade de pesquisa em educação em ciências.

Em relação ao primeiro aspecto, de onde e para quem falam, as duas autoras apresentam (e representam) trajetórias bastante distintas. Marli André é brasileira e tem uma inserção na América do Norte, mas escreve do Brasil para uma audiência brasileira, no campo da educação – ou seja, não tem como audiência o campo da educação em ciências¹, mas está inserida no contexto nacional de pesquisa em educação. Judith Green é pesquisadora norte-americana com certo contato com a comunidade de pesquisa em educação brasileira², mas, nas obras selecionadas, os autores escrevem em publicações norte-americanas/internacionais de *língua inglesa*, frequentemente voltadas para a área de pesquisa em alfabetização e letramento.

As repercussões desse “lugar” que ocupam para seus textos são evidentes. O trabalho de Green *et al* (2005), por exemplo, insere-se no debate sobre a legitimidade do trabalho com etnografia em educação, uma discussão que, como as próprias autoras apontam, inicia-se na década de 1950 nos EUA dentro da própria comunidade de antropólogos. O trabalho de Marli André insere-se em uma comunidade de pesquisa que ainda busca consolidar-se enquanto campo de pesquisa, na qual o debate em pauta é a contraposição – ou mesmo, o confronto – entre uma suposta perspectiva quantitativa e uma suposta perspectiva qualitativa. Cabe ressaltar que esses conflitos são ainda mais aguçados na comunidade de pesquisa em educação em ciências, seja no Brasil (Nardi, 2007b), seja na América do Norte (Joslin *et al.*, 2007). Green e o Grupo de Santa Bárbara fazem um movimento no sentido de tornar mais visíveis as especificidades da etnografia em educação, tanto em relação a outras metodologias de pesquisa qualitativa quanto em relação à etnografia *da* educação. André, por outro lado, em algumas obras busca uma aproximação da etnografia com as metodologias qualitativas. Essa interpretação dos autores desse estudo é coerente com a interpretação de membros da comunidade de pesquisa em educação em ciências. Carvalho (2006), por exemplo, ao contrapor sua abordagem metodológica com a proposta por Ludke e André, caracteriza o trabalho dessas últimas como um trabalho que apresenta “as pesquisas qualitativas dentro de uma visão etnográfica”. Como já

¹ É interessante notar que André, chega a participar de um ENPEC, em 2005, proferindo palestra que tem fortes similaridades com o trabalho publicado em 2007

² O grupo, por exemplo, recebe há vários anos alunos brasileiros de doutorado e pós-doutorado (inclusive, da área de educação em ciências); e escreve trabalhos em parceria com pesquisadores brasileiros.

mencionamos na introdução, partindo de Fonseca (1992), esse debate “qualitativo versus quantitativo”, de certa forma, dá sentido à abordagem etnográfica no contexto brasileiro da pesquisa em educação. Nesse sentido, a obra de André está em sintonia com uma audiência que faz esse movimento em direção a metodologias que buscam romper com tipologias previamente estabelecidas, tão caras às comunidades de ciências naturais.

Paralelamente, a partir da análise dos trabalhos e artigos que utilizam André, é interessante destacar algumas evidências de que os autores não têm conhecimento ou não reconhecem valor no debate acerca do lugar da etnografia na educação. Por exemplo, ao não adotarem o termo ‘pesquisa do tipo etnográfico’, utilizado por Marli André para diferenciar a etnografia feita pelos educadores daquela realizada pelos antropólogos. Assim, inferimos que a principal preocupação desse grupo estaria em alinhar-se com métodos qualitativos dentro de uma perspectiva menos positivista. Acreditamos que a necessidade desses pesquisadores também se formarem e se instrumentalizarem para a pesquisa em educação, daria sentido a textos sobre etnografia como os de André. Afinal, sua obra facilitaria uma entrada para pesquisadores com experiência e formação nas ciências naturais.

A obra de Green e do grupo de Santa Bárbara, é significada por pesquisadores que lêem em inglês, e, portanto, possuem uma inserção maior nessa comunidade internacional e nas discussões que a permeiam. Além disso, e talvez mais importante, vários autores participaram efetivamente de atividades com o grupo (sejam atividades de produção de conhecimento com a produção de artigos e co-orientação de trabalhos, sejam atividades formais de formação como disciplinas). Em suma, são as trajetórias dos autores que dão sentido aos argumentos e idéias dessa obra.

Um aspecto interessante no que se refere a esse grupo é que alguns pesquisadores pertencentes a ele têm focado questões relacionadas ao ensino de ciências, investigando como conceitos e valores científicos são socialmente construídos no cotidiano da aula de ciências (e.g. Kelly e Crawford, 1997). Esses autores têm proposto que as atividades cotidianas dos cursos de ciências podem refletir implicitamente questões relativas ao que conta como ciência para os aprendizes. Além disso, o emprego de abordagens antropológicas permitiria visualizar o papel dos processos discursivos na definição dos contextos de aprendizagem e na maneira como diferentes grupos de estudantes têm acesso igual ou não a esses contextos (Kelly e Crawford, 1997). No entanto, esses autores não foram citados por nenhum dos trabalhos, apresentados no ENPEC ou publicados nos periódicos analisados, que empregaram etnografia. Indicando que significados acerca da etnografia em educação em ciências ainda são bastante incipientes.

A partir de nosso estudo, evidencia-se, mais uma vez, a diversidade de perspectivas teórico-metodológicas que orientam os trabalhos no campo de educação em ciências e a variedade de formas como autores são apropriados dentro do campo. Diante dessa diversidade no que tange a etnografia, deparamo-nos com a necessidade de enfrentar o debate em torno do lugar e contribuição da etnografia para nosso campo, reconhecendo as especificidades dessa “lógica de investigação”. No futuro, seria essencial a análise de produções acadêmicas que fornecessem um detalhamento maior das orientações e procedimentos metodológicos, tais como dissertações e teses, para podermos analisar com maior propriedade as formas de apropriação da etnografia e dos diferentes referenciais metodológicos, em uma área “fronteira” entre as ciências naturais e as ciências humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAR, M. (2006). An Ethnography By Any Other Name. *Forum: Qualitative Social Research* 7(4). [Disponível em <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/4-06/06-4-36-e.htm>] [acesso em 14 novembro 2006], 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação 2001, *Cadernos de Pesquisa* 113, p. 39-50.
- ANDRÉ, M. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em educação. *Revista Eletrônica de Educação* 1(1). [Disponível em www.reveduc.ufscar.br] [acesso em 18 de jul. de 2007], 2007.

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Formação de Professores no Brasil (1990-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.
- ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- ANDRÉ, M.E.D.A. A Abordagem etnográfica - Uma nova perspectiva na avaliação educacional. *Tecnologia Educacional*. Nº 27, set./out. 1978, pp. 9-12.
- BAZERMAN, C. & PRIOR, P. 2004. *What Writing Does and How it Does it*. Erlbaum, 2004.
- BAZERMAN, C. & PRIOR, P. 2005. Participating in Emergent Socio-Literate Worlds: Genre, Disciplinaryity, Interdisciplinaryity. In Green & R. Beach (orgs.) *Multidisciplinary Perspectives on Literacy Research*, ed. J. NCTE, 2005. pp. 133-178.
- CASTANHEIRA, M. L., CRAWFORD, T., DIXON, C., & GREEN, J. 2001. Interactional Ethnography: an Approach to Studying the Social Construction of Literate Practices. *Linguistics an Education* 11(4):353-400.
- DELL'ARETII B. A., FRANÇA, E. S., MUNFORD, D. Etnografia na pesquisa em educação em ciências: uma análise dos trabalhos apresentados nos ENPECS, *Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, 2007.
- DELIZOICOV, D. Pesquisa em Ensino de Ciências como Ciências Humanas Aplicadas. In: NARDI, R (org). *A Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil: alguns recortes*. São Paulo: Escrituras Editora, 2007, p.413-450.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Em Anais da XXI Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1998.
- GATTI, Bernardete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano, v.1, 2002. 86 p. (Série Pesquisa em Educação).
- GRECA, I.M. Discutindo aspectos metodológicos da pesquisa em ensino de ciências: Algumas questões para refletir. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 2(1)73-82, 2002.
- GREEN, J. & BLOOME, D. Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective. In J. Flood, S.B. Heath, D. Lapp (orgs.), *Handbook for literacy educators: research in the community and visual arts* pp. 181-202. New York: Macmillan, 1998.
- GREEN, J.; DIXON, C. & ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte. Tradução de Adail Sebastião Rodrigues Júnior e Maria Lúcia Castanheira. v. 42. p. 13-79. 2005.
- HEATH, S. B. Ethnography in Education: defining the essentials. In: Gilmore, P. & Glattorn, A. A. *Children in and out of school*. University of Pennsylvania: The Center for Applied Linguistics. P. 33-55. 1982.
- KELLY, G. J. & CRAWFORD, T. 1997. An Ethnographic Investigation of the Discourse Processes of School Science. *Science Education* 81(5): 533-559.
- LUDKE, M. e ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- NARDI, R. *A Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil: alguns recortes*. São Paulo: Escrituras, 2007a
- NARDI, R. A área de ensino de Ciências no Brasil: fatores que determinaram sua conatituição e suas características segundo pesquisadores brasileiros. IN: NARDI, R. (org.) *A Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil: alguns recortes*. São Paulo: Escrituras, p. 357-412, 2007b.
- SANTOS, F.M.T. & GRECA, I.M. *A Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e suas Metodologias*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006.
- SCARPA, D.L. & MARANDINO, M. Pesquisa em ensino de Ciências: um estudo sobre as perspectivas metodológicas. Em *Atas do II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Cd-rom. Porto Alegre: IF-UFRGS, 1999.